

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO: PRÁTICAS EDUCACIONAIS EM CIÊNCIAS E PLURALIDADE

FABIO APARECIDO MARTINS ROSA

**UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DA PLURALIDADE DOS
MÉTODOS E PRÁTICAS NO ENSINO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

DOIS VIZINHOS

2018

FABIO APARECIDO MARTINS ROSA



**UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DA PLURALIDADE DOS
MÉTODOS E PRÁTICAS NO ENSINO**

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Práticas Educacionais em Ciências e Pluralidade Polo UAB do Município de Foz do Iguaçu, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Dois Vizinhos

Orientador: Prof. Me. Henry Charles Albert David
Naidoo Terroso de Mendonça Brandão

DOIS VIZINHOS

2018



TERMO DE APROVAÇÃO

UMA ANÁLISE EPISTEMOLÓGICA DA PLURALIDADE DOS MÉTODOS E PRÁTICAS NO ENSINO

Por

Fabio Aparecido Martins Rosa

Esta monografia foi apresentada às 20:00h do dia 19 de setembro de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Práticas Educacionais em Ciências e Pluralidade - Polo de Foz do Iguaçu, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Dois Vizinhos. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho.

Prof. Me. Henry Charles Albert David Naidoo Terroso de Mendonça brandão
UTFPR – Dois Vizinhos
(Orientador)

Prof^a. Dra. Samara Ernandes
UTFPR – Dois Vizinhos

Prof^a. Dra. Zinara Marcet de Andrade
UTFPR – Câmpus Dois Vizinhos

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso.-

Dedico este trabalho ao meu salvador eterno,
Jesus Cristo.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, João Martins Rosa (in memoriam) e Delza Silveira. Minha amada esposa Jucelia Viana Rosa, pela, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

O meu orientador professor Me. Henry Charles Albert David Naidoo Terroso de Mendonça brandão, pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa, muito obrigado.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Dois Vizinhos

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação, em especial a professora Me. Elizabete Genedir Descrovi, que sempre apoiou de forma magnífica.

Enfim, sou grato a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

Quero agradecer em especial a minha esposa Jucelia Viana Rosa, que sempre me incentivou aos estudos, mesmo em tempo difíceis foi meu sustentáculo, dando-me total apoio, aos nossos filhos: Joao Vitor, Dellanna, Lucas Gabriel e Fabio Henrique, ambas heranças de Deus, para conosco.

“Sobre como poderíamos viver em um mundo melhor e mais justo, afirmou: “Se não fizermos as coisas que criticamos nos outros”. (TALES DE MILETO)

RESUMO

ROSA, Fabio Aparecido Martins. Uma Análise Epistemológica da Pluralidade dos Métodos e Práticas no Ensino. 2018. 41p. Monografia (Especialização em Educação: Práticas Educacionais em Ciências e Pluralidade). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Dois Vizinhos, 2018.

Este trabalho teve como temática, uma análise epistemológica da pluralidade dos métodos e práticas no ensino. Assim, o presente trabalho teve por objetivo analisar e refletir a atual conjuntura da educação brasileira, bem como, fazer alguns apontamentos sobre a pluralidade dos métodos e as respectivas práticas no ensino. Inicialmente questiona-se, há pluralidade no ensino brasileiro? Há vários métodos sendo utilizados e práticas no ensino brasileiro? No Brasil há respeito e tolerância às outras ideias? No país existe um método ou prática que monopoliza a educação? Por meio deste trabalho almejou-se entrar neste contexto, entretanto, devido a abrangência e complexidade ao tema, é possível não alcançar todo arcabouço teórico disponível e, agradar a todos. Há alguns anos, a câmara dos deputados federal e câmara de vereadores, bem como, assembleias legislativas, veem discutindo essa temática, pluralidade de ideias no âmbito acadêmicos, tendo atualmente um projeto denominado escola sem partido. Essa proposta tem gerado grandes embates dos favoráveis e contra ao projeto. Em uma análise crítica questiona-se, o porquê desse projeto e, tantas discussões sobre alterar aquilo que já se encontra, bem, definido na LDB/96, e, que não estão seguindo nas instituições de ensino. Vislumbrando o exposto, há uma necessidade urgente de expor de forma epistemológica e analítica essa problematização, sem partidarizar ideologicamente o tema, nem tampouco inferir de maneira leviana. Mas, mostrar de forma sisuda e meritória, que é necessária uma abordagem sem desprezar os escritos sobre o assunto, utilizando-os como base para a pesquisa e fundamentação.

Palavras-chave: Educação. Construtivismo. Conhecimento. Ideologia. Problematização.

ABSTRACT

ROSA, Fabio Aparecido Martins. An Epistemological Analysis of the Plurality of Methods and Practices in Teaching. 2018. 41p. Monografia (Especialização em Educação: Práticas Educacionais em Ciências e Pluralidade). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Dois Vizinhos, 2018.

This work had as its theme, an epistemological analysis of the plurality of methods and practices in teaching. Thus, this study aimed to analyze and reflect the current situation of Brazilian education, as well as to make some notes about the plurality of methods and their practices in teaching. Initially questioned, is there plurality in Brazilian education? Are there several methods being used and practices in Brazilian education? In Brazil there is respect and tolerance for other ideas? Is there a method or practice in the country that monopolizes education? Through this work it was hoped to enter into this context, however, due to the comprehensiveness and complexity of the theme, it is possible not to reach all available theoretical framework and, to please everyone. A few years ago, the federal chamber of deputies and the city council, as well as legislative assemblies, have been discussing this theme, plurality of ideas in the academic sphere, currently having a project called a school without a party. This proposal has generated great upsets of the favorable and against the project. In a critical analysis, the question of why this project is discussed, and so many discussions about changing what is already well defined in LDB / 96, and which are not being followed in educational institutions. In view of the above, there is an urgent need to expose in an epistemological and analytical way this problematization, without ideologically partisanizing the theme, nor even inferring in a light manner. But to show in a serious and meritorious way, that an approach is necessary without neglecting the writings on the subject, using them as a basis for research and grounding.

Keywords: Education. Constructivism. Knowledge. Ideology. Problematization.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA..... | 11 |
| 2.1LDB/96 E ANÁLISE PROBLEMÁTICA PLURAL..... | 11 |
| 2.2MÉTODOS UTILIZADOS NO BRASIL: CONTEXTO HISTÓRICO..... | 13 |
| 2.3IMPORTÂNCIA E PLURALIDADE DOS MÉTODOS..... | 16 |
| 2.4 PLURALIDADE NA PRÁTICA NO ENSINO..... | 27 |
| 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 37 |
| REFERÊNCIAS | 38 |

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como temática analisar e refletir a atual conjuntura da educação brasileira, através de um estudo epistemológico sobre a visão da pluralidade nos métodos e práticas no ensino.

No Brasil contemporâneo, há respeito e tolerância, as outras ideias? No país existe um método ou prática que monopoliza a educação?

Conforme salienta em seu artigo intitulado: “Feyerabend e o pluralismo metodológico”, à filósofa e professora Anna Carolina Krebs Pereira Regner, ressalta que:

A ciência possui uma ideologia própria e cabe-lhe impô-la a seus adeptos; mas não deve ter prerrogativas maiores que as concedidas a outras ideologias num Estado democrático, onde os cidadãos devem ter a oportunidade de poder escolher a forma de vida desejada. Em sua educação, deveriam ser expostos a diferentes cosmovisões, antes que fizessem sua escolha pela ciência, com suas exigências próprias. (REGNER, 1996, P.244-245)

Partido desse pressuposto, surge a necessidade de analisar a temática a partir de uma visão crítica e sem ressentimentos ideológicos, sem emoções partidárias, bem como, utilizando de bases constitucionais e, epistemológicas para consubstanciar e, discorrer o tema em questão. A partir de uma reflexão crítica pode-se aproximar do contexto real da educação brasileira, onde os números recentes mostram que há indícios de inadequações no sistema educacional do país. Assim, esse estudo segue uma metodologia de abordagem qualitativa e busca aspectos descritivos para descrever a epistemologia da pluralidade aos métodos e práticas no ensino. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, permeia-se a sua fundamentação, em materiais que foram publicados em periódicos, sites, tanto quanto em dissertações e materiais impressos, como revistas e livros. O que favorece esse tipo de pesquisa é que se pode buscar informações das mais variadas fontes e contextos a fim de esclarecer um ponto de vista, e até mesmo problematizar o tema.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 LDB/96 E ANÁLISE DA PROBLEMÁTICA PLURAL

Segundo a Lei nº 9394/96, em seu Art. 3 III-IV (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) diz que a educação deve contemplar e ter o seguinte parâmetro: pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; respeito à liberdade e apreço à tolerância.

Destarte, é necessário realizar uma reflexão sobre essa premissa legal, ao qual questiona-se, se no Brasil referencia-se este princípio em sala de aula, tanto quanto se essa pluralidade de ideias e concepções pedagógicas é seguida na íntegra.

Atualmente existem alguns mecanismos utilizados por instituições para avaliar a educação nos países, os resultados de 2009 deixaram em alerta à educação brasileira, ao qual analisando a matéria publicada pela revista *Veja*, por Renata Honorato:

A OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) mantém um ranking da educação em 36 países, no qual o Brasil atualmente amarga a penúltima posição, à frente somente do México. Como critérios avaliados pela organização estão o desempenho dos alunos no PISA, a média de anos que os alunos passam na escola e a porcentagem da população que está cursando ensino superior, (HONORATO, 2010).

Esses indicadores devem nortear e despertar nos professores, alguns sentimentos, pois, quem está dentro da sala de aula, não é o Governador do Estado e seus Deputados Estaduais, nem tampouco, o Prefeito da Cidade e seus Vereadores, a responsabilidade do ensino aprendido, é do professor. Por isso, o que diz a lei deve ser cumprido em sala de aula, pluralidade de ideias e concepções pedagógicas, respeito a liberdade e apreço a tolerância. Atualmente enaltece-se um ou outro autor, colocando-os num pedestal santíssimo de intocabilidade cognitiva, sem a possibilidade social de discussão crítica ou reflexão sobre seus apontamentos.

Como destaca em seu artigo Jose Maria e Silva (2001) “A escola contemporânea não se interessa pelo passado da humanidade. Quando finge interessar-se por ele é apenas para subjugá-lo aos interesses imediatos do aluno”. Nesse sentido o passado deve ser considerado e utilizar aquilo que deu certo em seu contexto, a educação não milita em podar as ideias, ou, pelo menos não deveria.

Ao realizar uma reflexão sobre o assunto acentua-se que antigamente, os gregos valorizavam o passado como vê-se a seguir:

Se não dispuséssemos, com efeito, da faculdade de suscitar as imagens das percepções passadas e de encadeá-las com as que sentimos no presente, não poderíamos realizar a continuidade que funda o sentimento de que somos um eu.

Já os gregos haviam sacralizado a memória, na figura de Mnemosine, irmã de Cronos: erigida senhora do Tempo, a memória constituída entre eles a chave de todo conhecimento e, por conseguinte, a fonte da humanização possuído Mnemosine, o poeta moldava a sociedade grego recitando um infindavelmente a genealogia dos deuses e dos homens, celebrando a proveniência dos povos ou solicitando-lhes a etimologia das palavras. Assim a memória apareceu como o cimento do edifício social, a condição do vínculo geracional bem como o fiador da continuidade do mundo dos vivos e dos mortos. Nem aliança nem unidade sem ela. Eis como se viram amarrados o destino do indivíduo que seu passado constrói sem ruptura e o dos povos que sabem deixar-se afetar por sua história. Que importa no fundo a verdade das lembranças? O essencial não é que se forje o sentimento de identidade (individual ou coletiva)? (CAFÉ PHILO, 1999, P.56)

Na introdução de seu livro, “Discurso do Método” René Descartes deixa um legado ao dizer que: “ O bom senso é a coisa do mundo melhor partilhada”. Realizando uma reflexão, talvez a universidade não seria tão criticada e exposta, como nos dias hodiernos. É necessário que alguns paradigmas sejam desfeitos no contexto da universidade brasileira, no qual delimita-se usar novamente a epistemologia. Surge a necessidade científica, plural, na academia brasileira, deixando todas paixões de lado, para que o conhecimento seja tema e desejos das pesquisas. Vislumbrando à pluralidade dos métodos, pois, se, método é o meio e caminho a percorrer, para se alcançar um lugar ou objetivo, então, é necessário aos professores verem e analisarem quais os métodos utilizar na educação para chegarem ao destino, que é, ensino e aprendizagem dos alunos. Não descartando às possibilidades existentes nas diversas tendências e concepções.

2.2 MÉTODOS UTILIZADOS NO BRASIL: CONTEXTO HISTÓRICO

Segundo os professores Laburu e Silva:

A partir principalmente dos anos de 1980, é notável influência da teoria construtivista na educação científica. Essa teoria, inicialmente, em sua vertente radical e, posteriormente, em sua divergente vertente social, pleiteia ser um modelo descritivo dominante da atividade humana de conhecer, especificando ações do ofício de aprender e ensinar. Desde então, o movimento construtivista tornou-se amplamente a base para eufóricas recomendações a professores com relação as suas práticas didáticas de sala de aula. (LABURU e SILVA, 2013, P.21)

É a partir dos anos 80 que começa essa vertente construtivista no Brasil, conforme Laburu e Silva (2013), onde vários teóricos em educação, se apropriam dessa tendência, por razão variadas, utilizando-as como métodos na prática de seu dia a dia em sala de aula.

Para o filósofo brasileiro Olavo de Carvalho, o Brasil, pós regime militar teve em sua educação uma introdução de um método e que alguns teóricos, consideram ser esse utilizado até usualmente, segundo carvalho num artigo intitulado, “O Novo Imbecil Coletivo”, seria o seguinte método:

A partir dos anos 80, a elite esquerdista tomou posse da educação pública, aí introduzindo o sistema de alfabetização “socioconstrutivista”, concebido por pedagogos esquerdistas como Emilia Ferrero, Lev Vigotsky e Paulo Freire para implantar na mente infantil as estruturas cognitivas aptas a preparar o desenvolvimento mais ou menos espontâneo de uma cosmovisão socialista, praticamente sem necessidade de “doutrinação” explícita.

Do ponto de vista do aprendizado, do rendimento escolar dos alunos, e sobretudo da alfabetização, os resultados foram catastróficos.

Não há espaço aqui para explicar a coisa toda, mas, em resumidas contas, é o seguinte. Todo idioma compõe-se de uma parte mais ou menos fechada, estável e mecânica – o alfabeto, a ortografia, a lista de fonemas e suas combinações, as regras básicas da morfologia e da sintaxe — e de uma parte aberta, movente e fluida: o universo inteiro dos significados, dos valores, das nuances e das intenções de discurso. A primeira aprende-se eminentemente por memorização e exercícios repetitivos. A segunda, pelo auto-enriquecimento intelectual permanente, pelo acesso aos bens de alta cultura, pelo uso da inteligência comparativa, crítica e analítica e, *lastnotleast*, pelo exercício das habilidades pessoais de comunicação e expressão. Sem o domínio adequado da primeira parte, é impossível orientar-se na segunda. Seria como saltar e dançar antes de ter aprendido a

andar. É exatamente essa inversão que o socioconstrutivismo impõe aos alunos, pretendendo que participem ativamente – e até criativamente – do “universo da cultura” antes de ter os instrumentos de base necessários à articulação verbal de seus pensamentos, percepções e estados interiores. O socioconstrutivismo mistura a alfabetização com a aquisição de conteúdo, com a socialização e até com o exercício da reflexão crítica, tornando o processo enormemente complicado e, no caminho, negligenciando a aquisição das habilidades fonético-silábicas elementares sem as quais ninguém pode chegar a um domínio suficiente da linguagem. (CARVALHO, 2012)

Analisando a educação brasileira o jornalista e filósofo e, como se auto denomina ex-comunista, Olavo de Carvalho, diz:

A doença principal da educação brasileira foi a adoção do sistema de alfabetização chamado “socioconstrutivista”, criado inteiramente por estrategistas comunistas como Lev Vigotsky, Emilia Ferreiro e Paulo Freire para transformar as crianças em servos dóceis de um movimento político, com total desprezo pelo desenvolvimento real das suas capacidades. Hoje em dia está mais do que provado que o sistema socioconstrutivista destrói a inteligência das crianças e produz até mesmo lesões cerebrais. Os responsáveis pela adoção desse sistema são diretamente culpados pelo fracasso retumbante das nossas crianças, amplamente comprovado pelos testes internacionais. (CARVALHO, 2015)

Por isso é importante os professores e pedagogos trabalharem a pluralidade dos métodos, não se aprisionando em uma única visão/método, descartando as demais opções, rejeitando como refugio e não dando a devida importância que outrora, tiveram, para construção da educação brasileira.

Pondé (2015) afirma:

A função da educação é exatamente identificar nos alunos suas diferenças e coloca-las a serviço da sociedade. Os melhores lideram, os médios e medíocres seguem. Qualquer professor sabe disso numa sala de aula. Uma das maiores besteiras em educação é dizer que todos os alunos são iguais em capacidade de produzir e receber conhecimento. (PONDÉ, 2015, P. 38).

Com toda certeza o Brasil precisa de professores, que ao entrarem numa sala de aula, saibam de suas obrigações e, sejam responsáveis com seus alunos, não tentando impor suas convicções ideológicas, mas, sim ensinando e preparando seus alunos para realidade do mundo.

Dessa forma, não é possível e cabível, a utilização de prepotência e arrogância, por parte, daqueles labutam na educação, desconsiderando tudo aquilo que fora feito por homens e mulheres, compromissados com o ensino.

Atualmente há várias tendências, mas, parece que alguns, chegam com “olhares e vozes de profetas”, dizendo ser arautos de revelações e tem em si, aquilo que faltava em educação, como se encontraram a verdade e revelação dos deuses. É preciso ter responsabilidade ao tratar desse assunto, que, com certeza define bem a educação num país, colocando-o, em posição confortável ou desconfortável.

Segundo o professor universitário Pondé:

Muitos desses jovens, que querem se manifestar em sala de aula não podem porque muitos professores, da área de humanas, como se fala grosso modo, reprimem, não todos claro, mas a grande maioria, reprimem qualquer, tipo de tentativa, de aluno se distanciar duma concepção que a gente pode chamar a grosso modo de esquerda ou socializante. (PONDÉ, 2017)

Segundo os professores Laburu e Silva (2013) a visão construtivista vai além em seu alcance, pois segundo esses professores o construtivismo deseja o seguinte:

Talvez, mais preocupante ainda, seja a possibilidade de haver uma pretensão construtivista de se tornar um referencial preferencial para entender, não só a aprendizagem dos conceitos científicos, mas a construção e a natureza do conhecimento científico, transferindo uma compreensão que deveria se limitar à esfera pedagógica para uma leitura epistemológica desse conhecimento, (LABURU & SILVA, 2013, P.23).

Nesse aspecto é que os estudiosos e pesquisadores em educação, devem observar, pois, quando elegem uma voz e desprezam as demais, neste sentido, não é razoável, ignorar as demais vertentes/tendências pedagógicas, onde ficaria a pluralidade e conexão, dialogal, no contexto histórico educacional.

Assim, não se pode acovardar diante dos dados e realidade na educação brasileira. Deve haver discussões, debates sobre o método e o que está acontecendo com o ensino e aprendizagem no país.

Para a professora Magda Soares o método é bom, porém, o problema está em não aceitar os demais métodos, assim ela comenta, em seu artigo, “A Reinvenção da Alfabetização”, e argumenta:

A proposta construtivista é justa, pois é assim mesmo que as pessoas aprendem, não apenas a ler e escrever, mas é assim que se aprende qualquer coisa: interagindo com o objeto de conhecimento. Mas os métodos viraram palavrões. Ninguém podia mais falar em método fônico, método silábico, método global, pois todos eles caíram no purgatório, se não no inferno. Isso foi uma consequência errônea dessa mudança de concepção de alfabetização. Por equívocos e por inferências falsas, passou-se a ignorar ou a menosprezar a especificidade da aquisição da técnica da escrita. (SOARES, 2003, P.17)

Conforme expõe os professores Laburu e Silva (2013), em linhas gerais observa-se então, que a pretensão geral construtivista de ser um referencial ideológico indiscriminado para vários campos, a saber: epistemologia, ontologia e pedagogia, vem sendo veementemente questionada. A partir dessa visão dos professores, conceitua-se que esse método, tem sido analisado e ponderado por outros educadores, no campo, metodológico e epistemológico.

2.3 IMPORTÂNCIA E PLURALIDADE DOS MÉTODOS

A educação brasileira vem sofrendo ataques há algum tempo. Não é difícil observar críticos em educação, realizando análises e apontando, deficiências no contexto do ensino e aprendizagem, da atualidade.

Em uma entrevista concedida a TV UNIVESP, à educadora e ex-secretária de educação de SP, Maria Helena Castro, faz análise da prova do IDEB 2009, no qual para ela teve melhoras em alguns estados, mas que em média, os outros ficaram iguais em estágio e números. Segundo a professora Maria Helena de Castro os resultados obtidos no ensino médio, os dados não mudaram, pois para ela, “ no ensino médio foi péssimo”.

A Universidade Federal da Integração Latina - Americana (UNILA) através de seu Centro de Pesquisas Econômicas e Aplicadas, realizou uma pesquisa (CEPECON), “Avaliação da Qualidade do Ensino na Escolas Municipais de Foz do Iguaçu”, dentre muitos apontamentos que foram realizados como: gestão do governo

municipal e reestruturação na educação, núcleo familiar etc, ainda, a, “metodologia de ensino”:

Ainda foi destacada a reestruturação na área da educação realizada durante a gestão do ex-prefeito Paulo Mac Donald. No entanto, como grandes empecilhos foram mencionados a falta de recursos financeiros, assim como, a gestão de compras pelo município; iii) Qualidade da Infraestrutura: neste quesito foram mencionadas as carências de quadra esportiva, assim como, um espaço adequado para a merenda das crianças. No entanto, por outro lado, foi destacada a qualidade da estrutura das salas de aula; iv) Gestão pedagógica: refere-se à gestão pedagógica focada, especialmente, no gerenciamento das provas de português e matemática. Aqui, foi destacada a metodologia de ensino e treinamento de professores durante a gestão do ex-prefeito Mac Donald; v) Condição socioeconômica do núcleo familiar: considera-se que as condições presentes na estrutura/núcleo familiar possuem impacto no desempenho dos alunos. (KAWAMURA et al, 2018)

Segundo o mestre em sociologia, Jose Maria e Silva, em seu artigo “ A hora dos ruminantes: As falácias da neopedagogia”, diz:

Canga Fanática — Toda educação verdadeira tem que ser eclética em seus métodos, caso contrário, não é educação, é doutrinação — algo que o construtivismo e outras monomanias não percebem. Repetir, por exemplo, que a escola tradicional faz tábula rasa do aluno, que ela enfoca somente o professor, que ela trata o aluno como receptor passivo e que se pauta apenas pela memorização, atribuindo ao construtivismo qualidades positivas e contrárias, como costumam fazer os neopedagogos, é falsificar a realidade da educação. Não há metodologia absolutamente pura, com todos os defeitos ou com todas as qualidades. Apenas uma metodologia que fosse adotada somente entre anjos ou somente entre demônios, incluindo o professor, é que conseguiria essa façanha sobrenatural. Porque o meio influencia o método e a pureza da metodologia seria reforçada pela pureza de seu contexto.

Mas o mundo é misturado, por isso, a neopedagogia é um dogma como o neoliberalismo. Toda classe é heterogênea e os alunos estabelecem infinitas interações entre si, inclusive hierárquicas. O professor, limitado ser humano que é, não tem a menor possibilidade de prevê-las e monitorá-las todas. Portanto, haverá momentos em que, se não apelar para abordagens tradicionais, como a própria autoridade, ele se inviabiliza completamente como professor e passa a ser manipulado pelos alunos, especialmente pelos piores, que são os verdadeiros mandantes das escolas hoje.

Ao contrário que parece crer essa gente que deforma professores nos cursos de pedagogia, o mundo fora da sala de aula não é construtivista. Em casa, a criança aprende a andar, a falar, a comer, a usar o vaso, a partir de “abordagens” skinnerianas. E, na família, há uma inevitável hierarquia entre pais e filhos, que continua tradicional nos momentos decisivos. Se há impasse, o pai ou a mãe é que decidem, porque eles é que respondem juridicamente pelos filhos. Logo, se o construtivismo pode até ser promissor em determinadas circunstâncias, as abordagens tradicionais são

imprescindíveis em muitas outras. Não perceber isso é achar que todo aluno cabe na canga fanática de um método só — caminho mais curto para se sonhar com um admirável mundo novo e antecipar, na prática, o pesadelo da hora dos ruminantes. (SILVA, 2001)

Para o doutor em filosofia Luiz Felipe Pondé, porque em sua maioria os professores universitários são de esquerda, ele diz:

porque a esquerda é uma seita, é uma forma de religião é uma forma de obsessão e essas pessoas que são uma espécie de herdeiras de um messianismo sem Deus, em que Deus é a história e eles são os apóstolos do bem da história perfeita, eles ao aderirem a essa seita chamada, socialismo, comunismo, como você queira, ao aderirem a essa seita eles sentem pessoas do bem, é mais ou menos como se eles se olhassem ao espelho e vissem a cara de Jesus do outro lado, então, a primeira causa pra esses professores todos aderirem à esquerda é porque isso produz uma auto percepção orgulhosa de que eles são e estão do lado do bem. (PONDÉ, 2016)

Conforme relatos da historiadora Ana Caroline Campagnolo, na audiência pública na câmara federal, ela, relata como sofreu perseguição ideológica num mestrado de uma universidade pública. Já em sua introdução ela diz: “ existe sim doutrinação, negar que existe doutrinação é perder o senso da história, desde que a educação foi criada no Brasil, desde a era Vargas ela é doutrinadora e ela só foi mudando o seu plano de doutrinação, ela sempre foi doutrinadora” (COMPAGNOLO, 2017)

Quando analisado, sem paixões, fanatismos, pré-conceitos, e, aberto para o novo ou diferente: todas as ideias e concepções podem trabalharem juntos e, um ajudar o outro, pois, como já muito frisado neste trabalho, quem deve ganhar ao final, tem que ser os alunos, a educação, o país.

A pluralidade deve sair do papel e fazer parte da educação brasileira. Pluralidade, não pode ser tema, somente, de questões ideológicas das chamadas minorias. Pluralidade deve ser, efetivamente realidade no contexto educacional no Brasil.

Para a filósofa Nadja Hermann, “a pluralidade refere-se a uma multiplicidade de normas e formas de vida, teorias e ideias, modos de fundamentação e filosofias, constituindo-se numa inegável marca da atual realidade sociocultural” (2001, p. 91). Desta forma, se colocada em prática, a pluralidade que consta na lei e nos discursos,

nos mais diversos níveis, este último, há uma perspectiva de melhoras, mas, é necessário sair do papel timbrado e dos discursos políticos ideológicos, que invés de unir as pessoas, nos últimos anos, tem cumprido um papel fenomenal fragmentando a sociedade e colocando uns contra os outros. Conforme expõe o professor Jose Monir Nasser, falando sobre, a tática socialista da defesa das minorias, dizendo: “ nós temos que criar a ideia de que todo mundo na sociedade é inimigo de todo mundo” (NASSER, 2016).

Desta forma afirma Regner:

O anarquista epistemológico não se recusará a examinar qualquer concepção, admitindo que, por trás do mundo tal como descrito pela ciência, possa ocultar-se uma realidade mais profunda, ou que as percepções possam ser dispostas de diferentes maneiras e que a escolha de uma particular disposição correspondente à realidade não será mais racional ou objetiva que outra. (REGNER, 1996, P.2340)

Portanto, ao olhar para as possibilidades e não deixar de lado nenhuma concepção ou tendência pedagógica, pode-se trilhar um caminho de métodos e chegar ao destino final (uma boa educação, ou, ao conhecimento) com êxito. Até onde consta, o Brasil vive uma democracia, ao qual não se pode aceitar um lado na educação, não se pode tolerar somente uma voz, não se pode se calar com uma visão, isso, cheira, ditadura epistemológica e plural. Em educação não pode haver proselitismo ideológico/partidário. Quando analisado o significado da palavra “método”, deparar-se-á com: “a origem da palavra método justificasse pela existência de um caminho, de um meio, para se chegar a um ou vários objetivos. Desse modo a etimologia da palavra método encontra-se no latim *methodus*, que, por sua vez, se origina no grego *meta*, que significa meta, objetivo, e *thodos*, que significa o caminho, o percurso, o trajeto, os meios para alcançá-lo”. (RANGEL, 2005, P.09)

Porém, na educação é encontrado alguns obstáculos e neste caminho, via de regra, encontra-se alguns percalços nesse trajeto, pois para alguns só existe um método, uma única maneira de chegar ao objetivo e, não podem ousar e utilizar as variáveis existentes, para galgar esses objetivos em educação.

Em consonância, o filósofo e educador brasileiro, Dermeval Saviani, em seu livro *Pedagogia Histórico Crítica*, ressalta a necessidade de um método no processo pedagógico, ao qual ele diz:

O método é essencial ao processo pedagógico. Pedagogia, como é sabido, significa literalmente a condução da criança, e a sua origem está no escravo que levava a criança até o local dos jogos ou o local onde ela recebia instrução do preceptor. Depois, esse escravo passou a ser o próprio educador. Os romanos, percebendo o nível de cultura dos escravos gregos, confiavam a eles a educação dos filhos. (SAVIANI, 2013, P. 65)

O método é sem dúvida, se não for a principal, com certeza é, parte essencial no processo de condução ao conhecimento e, desta forma, existem várias críticas em relação ao método, sendo este o, método no singular, utilizado na educação brasileira, que na atualidade, segundo alguns críticos, seria o método, sócio construtivismo. Através do método o professor estará produzindo e reproduzindo o conhecimento. Para o filósofo grego Aristóteles o conhecimento era algo que daria regozijo não somente ao filósofo, mas também as demais pessoas, como vê-se a seguir: “A explicação é que o conhecimento proporciona regozijo não apenas aos filósofos, como igualmente a todas as demais pessoas, embora estas últimas tenham nisso menor participação” (ARISTÓTELES, 2011, P.44). Com certeza no processo de ensino e aprendizagem, professor e aluno tem esse sentimento, ao se deparar com o conhecimento, ambos se regozijam.

Desta forma, ao que se apresenta no Brasil hodierno, no contexto educacional, é perceptível, que, existe somente, uma verdade, uma voz, uma corrente, uma tendência, uma linha de pensamento e pesquisa, inquirindo sobre a pluralidade. Isso é uma das causas do projeto escola sem partido, “ pluralismo de ideias no ambiente acadêmico” (art. 2. II, PL 867/2015)

Segundo afirma Ribeiro (2012), é evidente que o uso de um método de estudo, é imprescindível para alcançar objetivos no campo do ensino, tornando-se mais eficaz e rápida a aprendizagem acadêmica. Também é necessário, além do hábito e do método, outro fator, que algumas vezes não é levado em consideração que é a capacidade intelectual do aluno. Este, todavia, é um potencial que pode ser desenvolvido nos alunos e deve ser trabalhado com os educandos, mostrando-lhes, que, aqueles que se atrevem a pensar e se apaixonam pelo conhecimento, podem alcançar voos mais altos e conquistarem degraus inimagináveis. Saber aprender termina por tornar as pessoas mais inteligentes.

Quando olhada para essa verdade intrínseca no campo epistemológico da educação, concorda-se com os mais variados teóricos, que de forma contundente exarem concordâncias no quesito, método utilizado, para se alcançar os degraus mais altos e desejáveis aos envolvidos nessa ceara.

Para os gregos do século V a.C. no teatro dionisíaco, onde se apresentavam a tragédia e a comédia, o poeta que compunha as peças nesse tempo, era chamado de mestre. Mas, o que chama atenção é o termo em grego para designá-lo e, seu sentido, “aquele que ensina, ou, ensinar, instruir”, conforme é apresentado na obra, a visão dionisíaca do mundo, na parte, Introdução Sobre o Teatro Grego Antigo no seu Contexto de Surgimento e Desenvolvimento, conforme apresenta Nietzsche.

O poeta que compunha a tragédia se chamava, nos primeiros tempos, de ‘mestre’ (didáskalos — διδασκαλος), no sentido de ‘aquele que ensina’ — pois didáskalos (διδασκαλος) vem do verbo didásko (διδασκω) que quer dizer ‘ensinar, instruir’. Mais tarde ele foi chamado de ‘criador’ (poietes — ποιητης) ou poeta (o verbo poiein — ποιειν — em grego quer dizer, em geral, ‘fazer, criar’. (NIETZSCHE, 2005, P.15)

Assim, se observa, que conforme o poeta grego antigo, o professor como verdadeiro mestre, deve conduzir seus alunos, através de seus ensinamentos e instrução, ao conhecimento, perfazendo uso de métodos e práticas plurais, considerando todas as tendências pedagógicas.

No Brasil contemporâneo, tem alguns, que, ainda insistem nas ideias doutrinadoras, sem considerar o outro, em seu canal no youtube, a professora Paula Marisa (2016) diz:

A doutrinação ideológica nas escolas é tão evidente que somente uma pessoa que nunca colocou os pés na academia ou totalmente alienada para não percebe, eu não condeno, eu também já achei um dia que Paulo Freire podia ser bom, afinal de contas no papel é tão bonito né, o problema é quando começamos a colocar em prática essa ideologia construtivista. (MARISA, 2016)

Muitos estão perambulando com bons discursos, mas não tem prática, não há ação e mudanças. Lamentavelmente esses discursos não estão produzindo efeito, basta ver como está a educação no país. No discurso que Platão apresentação de Sócrates com Teeteto, fica evidente, o que, os sofistas faziam:

Em consequência, se fôssemos hábeis e sábios, eu e tu, e já tivéssemos investigado a fundo o que se relaciona com o espírito, daqui por diante, por passatempo, experimentaríamos reciprocamente as e forças, à maneira dos sofistas, num embate em que faríamos tinir argumento contra-argumento. Porém, como simples particulares, procuremos, antes de mais nada, considerar diretamente o que vêm a ser os temas em estudo, se estão harmônicos ou em completo desacordo. (PLATÃO, 2001, P. 20 -21)

Platão, vai além e diz:

Assim, também, no domínio da educação cumpre passar os homens do estado pior para o melhor. O médico consegue essa modificação por meio de drogas; o sofista, com discursos. Nunca ninguém pôde levar quem pensa erradamente a ter representações verdadeiras, pois nem é possível ter representação do que não existe nem receber outras impressões além das do momento, que são sempre verdadeiras. (PLATÃO, 2001, P.37-38)

A responsabilidade de um professor é muito grande, ao qual, dará destino a vida dos seus alunos e, com certeza, no futuro, esses alunos, lembrarão e saberão pesar na balança, se foram, bem ensinados ou não, por seus mestres, diferente dos sofistas, que, são ironizados por Sócrates:

De fato, tudo o que parece belo e justo para cada cidade continua sendo para ela isso mesmo enquanto assim pensar; porém o sábio faz ser e parecer benéfico o que até então lhes era pernicioso. Pela mesma razão, o sofista capaz de educar seus discípulos desse modo é sábio e merece d ser muito bem pago por eles, depois de terminado o curso. (PLATÃO, 2001, P. 37)

O trabalho realizado pelos professores, Laburú e Carvalho (2013) com o tema, “Controvérsias Construtivistas e o pluralismo metodológico”, é interessante, pois, os professores avançam os sinais ditatoriais erigido, por alguns na área da educação, onde aqueles que estão na docência devem seguir uma cartilha de método. Desta forma, eles expõem o seguinte:

A proposta pluralista defendida, fundamentalmente, tem como perspectiva uma oposição à ideia de metodologias instrucionais únicas para a sala de aula, buscando a diversificação metodológica, visto a matiz de variáveis complexas inerentes a esse ambiente e, como consequência, visto que toda forma de ação pedagógica, a princípio, pode interferir na liberdade individual. (LABURÚ e CARVALHO, 2013, P. 6)

Conforme, o exposto no artigo terceiro da lei de diretrizes e base da educação nacional brasileira LDB/96, e, já exposto na introdução deste trabalho, a educação deve contemplar o seguinte; pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas. Ou seja, não é possível admitir, que no contexto educacional, haja ditaduras, disfarçadas de autonomias, ou em discursos de que os educadores têm o direito de escolhas de seus métodos, observando, que, para alguns, seus métodos, são “verdades absolutas” e, ninguém pode contestar seus métodos e práticas de ensino.

Nesse aspecto pode-se observar, o que, Saviani, analisa, em sua obra, aqui citada:

Nesse sentido, tenho sido crítico dos chamados modismos na educação, porque aparecem como algo muito avançado, mas, na verdade, apenas elidem questões até certo ponto óbvias, que não podiam ser perdidas de vista e que dizem respeito ao trabalho escolar...tradicional é o que se refere ao passado, ao arcaico, ultrapassado, o que nos leva a combater a pedagogia tradicional e reconhecer a validade de algumas das críticas que a Escola Nova formulou à pedagogia tradicional. (SAVIANI, 2013, P. 86-87)

Pode-se observar, com muita delicadeza essas afirmações, pois, o que parece, é, que uma tendência, tem maior valor sobre outra, o que vem a lume, é que, uma ideia tem supremacia, referindo-se a outra, essa desconstrução.

O historiador e educador, Alex Ferreira dos Santos, apresenta uma explicação interessante sobre alguns conceitos que são utilizados na educação, acentuando que:

Metodologia é o campo em que se estuda os melhores métodos praticados em determinada área para produção de conhecimento. A metodologia consiste em uma meditação em relação aos métodos lógicos e científicos. Cada área possui uma metodologia própria. A metodologia de ensino é a aplicação de diferentes métodos no processo ensino-aprendizagem. Dentre alguns métodos de ensino usados no Brasil temos: método tradicional (ou conteudista), o construtivismo (de Piaget), o sócioInteracionismo (de

Vygotsky), e o método Montessoriano (de Maria Montessori). (SANTOS, 2016)

Em consonância Santos (2016) ressalta que “a metodologia de ensino é uma expressão que teve a tendência substituir a expressão “didática”, que ganhou uma conotação pejorativa por causa do caráter formal e abstrato dos seus esquemas que não estão bem inseridos em uma verdadeira ação pedagógica”.

É verdade, que, não existem somente esses métodos de ensino aprendizagem, como será visto mais adiante, porém, é necessário ressaltar, que, na educação brasileira não se pode utilizar qualquer um. Existe por parte de alguns “democráticos” em educação, em cursos de humanas e cursos afins, uma censura ora explícita, ora implícita, conforme apresenta o professor Ponde (2016) num vídeo resposta “qualquer estudante de ciências humanas no Brasil e não só no Brasil, sabe que a maioria esmagadora de seus professores é de esquerda, só aceita metodologia histórica marxista ou próximo do marxismo”. Basta analisar alguns discursos de professores, que detém a única verdade, ou a verdade absoluta na seara educacional, professores que não aceitam serem questionados, sobre alguns teóricos e determinados assuntos, podando seus alunos.

Ainda utilizando o trabalho da professora Ana Regner, ela apresenta:

Na sua tradução metodológica, não significa, portanto, ser contra todo e qualquer procedimento metodológico, mas contra a instituição de um conjunto único, fixo, restrito de regras que se pretenda universalmente válido, para toda e qualquer situação - ou seja, contra algo que se pretenda erigir como o método, como a característica distintiva, demarcadora do que seja ciência. (REGNER, 1996, P.233)

Com todas as forças, deve-se defender essa ideia, pois a partir desse entendimento, oportuniza-se a construção de pontes, para unir os métodos e metodologias, com a única intenção, de chegar ao conhecimento e tirar a educação do nível que se encontra, conforme as últimas provas e pesquisas que avaliam a educação de vários países, como apresenta a jornalista da revista veja os dados da: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. (HONORATO, 2010).

José Carlos Libâneo, já alertou qual é o papel da escola e professores, mas, será que as instituições estão cumprindo com seus papéis. Como estão atuando os professores, Libâneo (2015) condiz que:

Há, portanto, um papel insubstituível das escolas e dos professores de propiciar as condições intelectuais para toda a população, de modo a ampliar sua capacidade reflexiva e crítica em relação as condições de produção e de difusão do saber científico e da informação. A informação é necessária, mas por si só ela não propicia o saber. A informação é um caminho de acesso ao conhecimento, é um instrumento de aquisição de conhecimento, mas ela precisa ser analisada e interpretada pelo conhecimento, que possibilita a filtragem e a crítica da informação, de modo que ela não exerça o domínio sobre a consciência e a ação das pessoas. (LIBÂNEO, 2015, p.47)

Se, essa escola e professor, têm, esse papel tão importante na sociedade, que, segundo Libâneo “ a informação é um caminho de acesso ao conhecimento”, entende-se que essa informação, está na posse desse professor. Assim, ele não pode excluir-se da responsabilidade para com esse aluno, destarte, esse professor, não pode ficar num único mundo metodológico. Ele pode incorrer na infelicidade de “sonegar ou podar” algumas possibilidades em seus alunos, por capricho de um método, que, sozinho não funcione e, necessite de alguma reforma ou auxilio de algum método mais atualizado e contemporâneo.

Segundo Champlin (2013, p.406), “epistemologia é mais usada pelos filósofos de fala inglesa, indicando a teoria geral do conhecimento, incluindo o método científico. Em português dá-se preferência ao vocábulo gnosilogia, que indica a teoria geral do conhecimento, ao passo que epistemologia é usada para indicar a teoria científica do conhecimento”. Assim, pode-se condizer, que epistemologia está ligada diretamente com educação e a busca do método ou métodos, e o conhecimento científico utilizado no contexto do ensino.

É pertinente nessa altura, frisar o que a professora de filosofia, Ana Regner exarou em seu texto, “Inicialmente convém lembrar que anarquismo significa, antes, oposição a um princípio único, absoluto, imutável de ordem, do que oposição a toda e qualquer organização”, (REGNER 1996, p. 233). É pertinente o exposto da professora, pois nesse contexto plural epistêmico, deve-se considerar todos os trabalhos e autores. Não se pode restringir-se a um único método “certo” e, não explorar todas as concepções existentes extraindo o que elas têm de melhor.

Para o professor de psicologia Joseph Lowman, a tarefa de um professor é muito séria. Conforme ele menciona em seu livro, *Dominado as Técnicas de Ensino*, tratando do assunto na universidade ele diz:

Além de um sólido domínio da matéria, o ensino universitário de qualidade parece ser uma tarefa complexa, que requer a competência de se comunicar bem com os estudantes, em grandes ou pequenos grupos, em situações formais ou informais, e relacionar-se com eles como pessoas, de maneira que eles sintam como positivas e motivadoras. O ensino universitário exemplar deve engendrar um aprendizado ativo não somente dos fatos básicos, teorias e métodos, mas também das relações entre os diferentes ramos do conhecimento. (LAWMAN, 2011, P.22)

Olhando para essa perspectiva de Lowman, os educadores devem explorar a pluralidade, tendo domínio dos conteúdos, dos fatos básicos, das teorias e métodos, bem como, das proximidades existentes entre os diferentes ramos do conhecimento.

Porém, um fator comentado pelo doutor Lowman, que seria o domínio da matéria, também dos conteúdos a serem ministrados aos alunos, é algo que muitos professores não comentam e não gostam de mencionar. Entretanto é necessário rapidamente mencionar essa problemática na educação. Esse assunto é levantado e comentado pelo professor Hengemuhle, de forma direta, “como professor, não esquecemos quando nos iniciamos da docência! Aqui nos penitenciamos diante dos nossos alunos. Sala de aula com 30,40 adolescentes...; e nós, apenas com a didática da nossa intuição e do nosso achismo, formação limitada, tornamo-nos professor! Talvez os primeiros anos tenham sido o batismo com fogo! (HENGEMUHLE, 2011, P.16)

Pode ser que essa coragem de escrever em seu próprio livro como fez o professor Adelar Hengemuhle, contando como foi seu início de carreira, falte para alguns professores que estão em sala de aula. Reconhecer sua formação limitada e buscar auxílio, para, cumprir com eficiência sua profissão, que, dará destino a milhares de crianças, deveria nortear a vida de cada professor.

A própria Declaração Universal dos Direitos Humanos, dá o direito, tanto ao professor quanto ao aluno, corroborando, essa ideia de direitos e livre busca pelo conhecimento condizendo em seu artigo 26: 2 e 3 a seguinte perspectiva:

A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do Homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz. Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o género de educação a dar aos filhos. (ONU, 2009)

Portanto, interessa ao aluno, bem como ao professor, se apropriar disto, usando para promover uma educação tolerante, expansiva e compreensiva, no tocante aos métodos que usarão em sala de aula.

2.4 PLURALIDADE NA PRÁTICA NO ENSINO

Como o método tem sua importância, a prática no ensino tem seu papel e espaço no ensino e aprendizagem. A ser considerado num trabalho interessante, uma escola paulistana fez diferença na prática de ensino e, segundo o responsável pelas inovações tem que haver uma superação de práticas pedagógicas, ao qual segundo ele:

De acordo com Braz Nogueira, responsável pelas inovações, para superar as práticas pedagógicas inadequadas que predominam na escola em geral — como a que vê o aluno como uma miniatura do adulto, um ser incompleto — seria necessário reorganizar o espaço escolar, torná-lo condizente com a concepção da criança como um ser integral, capaz de tomar decisões, organizar-se individual e coletivamente para aprender a viver e ser portadora de conhecimento. As inovações, de acordo com o diretor, fizeram surgir uma nova ética de convivência, baseada nos princípios de autonomia, responsabilidade e solidariedade, e novos dispositivos de participação. “Instalou-se na escola um movimento de superação do individualismo, do adultocentrismo e da fragmentação do conhecimento”, explica. (SOUZA, 2012)

Para Saviani (2013), os problemas principais incidem exatamente sobre a problemática que envolve a prática, pois, é a prática no ensino que o professor colocará tudo aquilo que ele aprendeu ou sabe fazer. A situação da educação

brasileira no interior da qual a pedagogia histórico-crítica tenta desenvolver-se, de forma a exercer um papel importante no contexto do ensino e aprendizagem. E em relação à qual busca exercer um influxo no sentido transformador e de elevação da sua qualidade, esse último, não considerado e parece não preocupar alguns professores, mesmo, vendo os resultados dos últimos testes no país. Nesse contexto, ocorreu tratar de um tema geral que poderia denominar da seguinte forma: a materialidade da ação pedagógica, deve haver uma ação, correção e preocupação por parte de todos envolvidos, na prática educacional.

Em sua exposição o professor Hengemuhle ressalta, o que deve ter e o que deve ocorrer, entre professor, aluno, teoria e competência:

Todas as sugestivas ideias, os belos discursos, os ricos projetos e textos terão pouco valor, se na sala de aulas não forem concretizados. É preciso prover as condições, criar clima fértil, para que nela o professor coloque os ideais em prática. Isso depende de muitos fatores externos da escola, depende de muitos fatores internos da escola, mas, também, do própria professor. A predisposição do professor e a sua competência são indispensáveis para que a teoria se concretize na prática. É esse, portanto, um momento muito significativo em nossa abordagem: as competências do professor. (HENGEMUHLE, 2011, P. 133)

A sala de aula é um espaço interessante, sendo que nesse espaço ocorrem diversas emoções, tanto por parte do professor como dos alunos. Por isso é importante uma prática de ensino que envolva aqueles diretos no processo. Salas de aula como arenas dramáticas, diz o professor (Lowman 2011)

A estrutura fundamental do drama – orador ou oradores ante uma plateia, prendendo sua atenção e estimulando suas emoções – é universal na experiência humana. O feitiço do drama tem sido manejado de inúmeras maneiras, formais ou informais. Ele tem sido exercido através do contador de histórias tribal e da poesia épica, da comédia grega e da tragédia elisabetana, da opera do século XIX e do teatro existencial moderno. Se a habilidade do orador for grande, sua apresentação criará o envolvimento e o sentimento de suspense, associado ao teatro. Os professores universitários, também, necessitam de habilidades dramáticas para assegurar que os alunos fiquem totalmente envolvidos nas apresentações em sala de aula, considerando-as memoráveis e instrutivas. (LOWMAN, 2011, P. 107-108)

Saviani (2013) deixa bem claro e explícito, onde, encontrar um dos problemas envolvendo a educação brasileira, a saber, à prática, e isso deve ser considerado pelos responsáveis que levam o conhecimento e mediatizam, este, em sala de aula com as crianças. Ainda o filósofo da educação brasileira, segue esse caminho e, para Saviani.

Quando entendemos que a prática será tanto mais coerente e consistente, será tanto mais qualitativa, será tanto mais desenvolvida quanto mais consistente e desenvolvida for a teoria que a embasa, e que uma prática será transformada à medida que exista uma elaboração teórica que justifique a necessidade da sua transformação e que proponha as formas da transformação, estamos pensando a prática a partir da teoria. Mas é preciso também fazer o movimento inverso, ou seja, pensar a teoria a partir da prática, porque se a prática é o fundamento da teoria, seu critério de verdade e sua finalidade, isso significa que o desenvolvimento da teoria depende da prática. (SAVIANI, 2013, p.91)

Fica límpido, que, a prática no ensino deve ser acompanhada de um método. Nesse caso, como está explícito, na pesquisa, um método plural, um método contemplativo e inclusivo, absorvendo o melhor de todas teorias e concepções que estão disponíveis no contexto pedagógico brasileiro e, até fora do país, se for o caso.

Conforme o pedagogo Zabala, em seu livro, “A Prática Educativa Como Ensinar”, é necessário observar à complexidade e variáveis em sala de aula, ao acentua-se que:

Alguns teóricos da educação, a partir da constatação da complexidade das variáveis que intervêm nos processos educativos, tanto em número como em grau de inter-relações que se estabelecem entre elas, afirmam a dificuldade de controlar esta prática de uma forma consciente. Na sala de aula acontecem muitas coisas ao mesmo tempo, rapidamente e de forma imprevista, e durante muito tempo, o que faz com que se considere difícil, quando não impossível, a tentativa de encontrar referências ou modelos para racionalizar a prática educativa. (ZABALA, 1998, P.14)

Quando um professor em sala de aula leva em consideração as tendências e os métodos de ensino, ele saberá, que, para uma boa prática no ensino, ele deverá escavar e mergulhar profundamente, para, racionalizar a prática educativa e, chegar no objetivo final. Assim, professor não pode ficar amarrado num único método,

confiando que em sala de aula o processo ocorre de forma mecânica e predestinada, desconsiderando todas as variáveis possíveis numa dinâmica de sala de aula.

Corroborando, Zabala (1998) ressalta:

Em primeiro lugar é preciso se referir àquilo que configura a prática. Os processos educativos são suficientemente complexos para que não seja fácil reconhecer todos os fatores que o definem. A estrutura da prática obedece a múltiplos determinantes, tem sua justificação em parâmetros institucionais, organizativos, tradições metodológicas, possibilidades reais dos professores, dos meios e condições físicas existentes, etc., mas a prática é algo fluido, fugidio, difícil de limitar com coordenadas simples e, além do mais, complexa, já que nelas se expressam múltiplos fatores, ideias, valores, hábitos pedagógicos, etc. (ZABALA, 1998, P.16)

Dentro do arcabouço institucional educacional brasileiro, observa-se uma série de deveres que as instituições de educação devem cumprir, rigorosamente. Conforme Zabala (1998), é necessário observar esses parâmetros institucionais, organizativos, dentre outros, para chegar numa prática educacional. Como ele salienta, à prática é difícil de limitar com coordenadas simples.

Ainda segundo o professor Zabala (1998) é necessário uma discussão sobre o grau de compreensão dos processos educativos e sobretudo do caminho que segue qualquer educador para melhorar sua prática educativa. É nítido que em terras brasileiras, atualmente, essa discussão/debate, tem um cunho político ideológico, muito acirrado, fugindo em muitas ocasiões, ao tema e objetivo central, que seria o ensino e aprendizagem das crianças e universitários, ele diz:

Pessoalmente, penso que um debate sobre o grau de compreensão dos processos educativos, e sobretudo do caminho que segue ou tem que seguir qualquer educador para melhorar sua prática educativa, não pode ser muito diferente ao dos outros profissionais que se movem em campos de grande complexidade. Se entendemos que a melhora de qualquer das atuações humanas passa pelo conhecimento e pelo controle das variáveis que intervêm nelas, o fato de que os processos de ensino/aprendizagem sejam extremamente complexos – certamente mais complexos que os de qualquer outra profissão – não impede, mas sim torna mais necessário, que nós, professores, disponhamos e utilizemos referenciais que nos ajudem a interpretar o que acontece em sala. Se dispomos de conhecimentos desse tipo, nós os utilizaremos previamente ao planejar, no próprio processo educativo, e, posteriormente, ao realizar uma avaliação do que aconteceu. A pouca experiência em seu uso consciente, a capacidade ou incapacidade que se possa ter para orientar e interpretar, não é um fato inerente à

profissão docente, mas o resultado de um modelo profissional que em geral evitou este tema, seja como resultado da história, seja da debilidade científica. Devemos reconhecer que isto nos impediu de dotarmo-nos dos meios necessários para movermo-nos numa cultura profissional baseada no pensamento estratégico, acima do simples aplicador de fórmulas herdadas da tradição ou da última moda. (ZABALA, 1998, P.15)

Desta forma, levantar essa discussão, deveria ser aceita e receptível aos profissionais de educação, e, não olharem o debate e tema, com pré-conceitos e estereótipos fanáticos religiosos, que somente autor tal e escritos fulano, tem à primazia e autoridade para falar e, encontrar a solução para os problemas latentes.

Atualmente há professores, que, foram doutrinados numa única ideia e visão, como o advento da religião. Alguns não aceitam aquilo que contrapõe o que lhe foi apresentado em sua formação acadêmica, tendo isso, como verdade absoluta, e obviamente os outros métodos e práticas, são ignorados e refutados veementemente. Mas a história já havia registrado, na carta que o pensador Proudhon em maio de 1846, havia mandado para Marx, Proudhon, tinha advertido Marx, sobre seu pensamento doutrinador e de cunho religioso.

Procuremos juntos, se o senhor quiser, as leis da sociedade, os modos pelos quais se realizam, o progresso segundo o qual nós chegaremos a descobri-las; porém por Deus, depois de ter demolido todos os dogmatismos a priori, não sonhemos absolutamente por nossa vez doutrinar o povo: não caímos na contradição de seu compatriota Martinho Lutero que, depois de ter revolucionado a teologia católica, se pôs logo, à força de excomunhões e anátemas, a fundar uma teologia protestante. Após três séculos, a Alemanha ocupa-se apenas em destruir o trabalho atamancado do sr. Lutero; não imponhamos ao gênero humano nova necessidade por novas argamassas. Aplaudi de todo modo o meu coração seu pensamento de produzir um dia todas as opiniões; empenhemo-nos em uma boa e leal polêmica; vamos dar ao mundo o exemplo de uma tolerância sábia e previdente, porém, porque estamos encabeçando o movimento, não nos façamos chefes de uma nova religião; essa religião seja a religião da lógica, a religião da razão. (MARX, 2008, P.43-44)

Um dado alarmante é apresentado pelo IDados, plataforma do instituto Alfa e Beto que fornece dados sobre a educação no país, onde os futuros professores que atuarão em áreas de licenciatura e pedagogia, tiraram as piores notas do ENEM e ENADE, como se vê a seguir:

A terceira edição do **Boletim IDados da Educação** traça o perfil dos futuros professores do Brasil. Com dados obtidos a partir dos resultados de estudantes brasileiros no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE), o **Boletim IDados da Educação N.3** apresenta um retrato dos alunos que entram e se formam em cursos de Pedagogia e Licenciatura.

Nesta edição, os dados mostram que os alunos dos cursos de Pedagogia e Licenciatura apresentam baixo rendimento tanto no ENEM quanto no ENADE, apontando para um fato preocupante: no Brasil, os alunos de Pedagogia são recrutados entre aqueles com as piores notas no Ensino Médio. Nos países desenvolvidos, em comparação, os governos procuram atrair os 30% melhores alunos do Ensino Médio para o magistério, garantindo um grupo docente de alta qualidade.

O **Boletim IDados da Educação N.3** demonstra ainda, usando os dados da prova de conhecimentos gerais do ENADE, que os alunos de Pedagogia apresentam nível baixo de conhecimentos gerais após quatro anos de faculdade. A análise mostra que apesar do aumento de oportunidades e vagas, nem nas regiões menos desenvolvidas do país os cursos de Pedagogia e Licenciatura conseguem atrair candidatos com perfil acadêmico mais adequado. O que se reflete na qualidade do ensino do Brasil.

A taxa de conclusão nesses cursos é outro dado destacado nesta edição do Boletim. O nível de conclusão no tempo certo é de 46,6%, um índice muito baixo apesar de ser mais alto que outras carreiras. Os dados revelam ainda que a quantidade de alunos e formandos nos cursos de Pedagogia e Licenciaturas é muito superior à capacidade de absorção do mercado – exceto em algumas disciplinas específicas, como Química e Física. (ALFAEBETO, 2016)

Destarte, aqueles que atuarão em sala de aula, devem ter preocupação em sua formação, para refletir no dia a dia de sua profissão. Os dados desse estudo, mostram, que, algo deve ser feito urgentemente em relação a educação brasileira, pois, se os futuros professores não estão indo bem, como serão seus alunos. Outrossim, conforme já exarado nesse trabalho, professores, devem lutar pela boa educação, ensino e aprendizagem. Nos últimos anos o Brasil, está, dividido por grupos, que, “debatem questões ideológicas partidárias”, esquecendo-se do prioritário em sala de aula, que é, aprendizado e boa formação. Sobre isso apresenta o professor Jose Monir Nasser, numa palestra, a tática socialista da defesa das minorias, dizendo: “nós temos que criar a ideia de que todo mundo na sociedade é inimigo de tudo todo mundo” (NASSER, 2016).

É indispensável o debate. Verdadeiramente, é salutar, levantar essa questão no seio acadêmico, bem como, nas instituições de ensino nessas terras verde e amarela. O Brasil é muito maior que ideologias partidárias e “visões religiosas fanáticas” que estão carcomendo o ensino aprendizagem dos brasileiros. Quando é

destacada, essas visões religiosas fanáticas, faz-se, alusão é claro, nas disputas cegas e sem reflexão, que norteiam, as poucas discussões que há no campo das tendências pedagógicas e, os métodos que podem ser utilizados na prática no ensino e aprendizagem.

Conforme exposto em sua obra, Kassar (1995):

O pensamento crítico entende que a construção do conhecimento necessita de uma reflexão, de caráter histórico. Já o pensamento tradicional é caracterizado pela falta de percepção do movimento da sociedade como ação humana e pela não-compreensão de sua formação histórica. Podemos identifica-lo por um enfoque que desconsidera a organização social decorrente da construção direta dos homens – construção histórica – por meio de seu desenvolvimento contraditório e complexo, que se caracteriza, hoje, por uma organização político-social em classes antagônicas, permeada por uma luta no plano concreto, ou seja, na produção social de sua base material e no plano ideológico. (KASSAR, 1995, P. 18)

Fica evidenciado como uma teoria tenta desconsiderar a outra, usando até, palavras/frases depreciativas em relação a outra, como: falta de percepção, não – compreensão e, como já exposto a questão ideológica, político-social, está entranhada no âmago dos discussões e relacionamentos. É verdade que às questões políticas e sócias fazem parte do dia a dia e, geram, desgastes, debates, discussões acirradas, mas, o desejo e intensão final dos professores, deve sem dúvida alguma, ser, um ensino e aprendizagem de qualidade aos alunos. Não adianta tantas lutas e entraves políticos, se não forem disponibilizadas uma educação de qualidade, que venha, tirar o país desse caos, que, os dados apontam.

Afirma em seu artigo, o jornalista, Jose Maria e Silva:

Ao contrário do que creem os neopedagogos e eventos como o Pensar XXI, a função da escola não é andar na vanguarda da sociedade, mas na sua retaguarda — quem quiser educar para o futuro deve voltar-se definitivamente para o passado. Profecia Determinista - A mensuração da história pelo presente, travestida de modernidade pedagógica, não passa de um perigoso anacronismo, que reduz o ser humano ao imediatismo das circunstâncias, como se o presente fosse, ao mesmo tempo, a razão de ser do passado e a profecia determinista do futuro. No caso do ensino de literatura, esse culto ao presente tem levado a uma indisfarçável assunção do modernismo ao cume das artes e da civilização. Como o poeta Alexei

Bueno disse certa vez, é como se Homero tivesse existido apenas para justificar Mário de Andrade. (SILVA, 2001)

Observar o passado e tendências, métodos e práticas, não significa voltar e viver o que foi vivido, mas, desconsiderar abruptamente tudo que foi vivenciado no passado, é, sem dúvida, negar à história e não querer utilizá-la para benefício do contexto da educação atual.

Conforme afirma Soares (2003)

Entretanto, voltar para o que já foi superado não significa que estamos avançando. Avançamos quando acumulamos o que aprendemos com o passado, juntando a ele as novidades que o presente traz. Estamos no momento crítico desse avanço. As pessoas estão insatisfeitas com o construtivismo, as denúncias já estão sendo feitas e começam a surgir iniciativas no sentido de corrigir essa situação. (SOARES, 2003, P.2)

Segundo Torres (1994), são escassos e recentes os estudos que se aprofundam nas relações dentro da escola. Isso mostra como anda a educação e a preocupação com o ensino aprendizagem, e, da sala de aula em particular. Esses estudos, realizados em diversos países, são a prova cabal e coincidem em mostrar pateticamente o simulacro de aprendizagem, ou seja, dizem ser uma coisa, mas não é, demonstrando uma falsidade investida no sistema educacional brasileiro. Que tem lugar, garantido, no sistema escolar e a falsa impressão de “aprendizagem”, mentindo e maquiando, as avaliações dos rendimentos e, das conquistas acadêmicas.

Entrementes, parece que a questão em si, não passa de discurso político partidário. Seria interessante, cessar, o discurso e ser feita alguma coisa. Nesta análise feita por Rosa Maria Torres, fica claro, ainda que tempos atrás, quando apresentado o referido trabalho, que não mudou muita coisa, exemplo no Brasil. Conforme já explicito neste trabalho à classificação do Brasil, segundo: A OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) mantém um ranking da educação em 36 países, no qual o Brasil atualmente amarga a penúltima posição, à frente somente do México. Assim, está mais que provado que necessitam de uma mudança urgente.

Libâneo, apresenta o seguinte

Os estudos recentes sobre o sistema escolar e as políticas educacionais têm se centrado na escola como unidade básica e espaço de realização dos objetivos e metas do sistema educativo. O realce da escola como objetivo de estudo não se explica apenas pela sua importância cultural, mas também pelas estratégias de modernização e pela busca da eficácia no sistema educativo. Uma dessas estratégias diz respeito à descentralização do ensino, atribuindo às escolas maior poder de decisão e maior autonomia. É por essa razão que as reformas educativas de vários países, as propostas curriculares, as leis e resoluções sobre o ensino, os projetos de investigação pedagógicas, recorrem hoje, cada vez mais, a estratégias de ação como a autonomia das escolas, o projeto pedagógico, a gestão centrada na escola e a avaliação institucional. (LIBÂNEO, 2015, P.31)

Portanto, os espaços escolares devem ser respeitados e considerados, às especificidades inerentes à escola, perpassam, o senso comum. Assim sendo, os projetos e investigações e práticas pedagógicas na ceara do ensino aprendizagem devem ser exploradas e otimizadas numa visão macro do sistema educacional.

Entretanto, uma coisa não pode ficar de fora deste contexto, a própria LDB/96 deixa claro que existe uma “peça” importantíssima nesse espaço escolar, que é a família do educando, os responsáveis legalmente por eles.

Nessa direção, expõe a filósofa e educadora brasileira Tania Zagury, em seu livro “Os Direitos dos Pais Construindo Cidadãos em Tempos de Crise”, e nota-se explicitamente na alusiva Lei da educação brasileira a necessidade da aproximação dos pais do contexto educacional e uma troca de experiência e valores, “ênfatiso diariamente o papel da família como geradora da ética. A ela caberá, mais e mais, a cada dia que passa, a grande, a enorme responsabilidade de arcar com esta árdua, porém essencial, tarefa social. Constato, porém, perplexa, que esta meta se trona mais e mais difícil de ser alcançada”. (ZAGURY, 2004, P.21)

Os mestres devem realizar essa ponte, com os pais e responsáveis pelos alunos, que estão sob suas responsabilidades. Naquele período que estão em sala de aula, tecnologias são importantes, métodos e práticas no ensino são indispensáveis, porém, não se pode esquecer da família dos alunos. Educadores devem estar preparados para os desafios da sala de aula, em todos aspectos e, esse contato com a família é importante no aspecto e plano do ensino e aprendizagem, ali em sala de aula, são seres humanos, que precisam ser

monitorados e seus responsáveis legais, necessitam estar por dentro de tudo que ocorre no espaço escolar.

Portanto, trabalhar uma educação plural, no âmbito das tendências, métodos e práticas no ensino, devem ser compartilhadas com as famílias e, elas, saberem o que seus filhos e filhas estão aprendendo na escola, deve ser algo natural e, não, somente ficar resumido e intrínseco as reuniões pedagógicas realizadas, sem a participação dos pais.

Ensino Plural e a busca pelo conhecimento, não deve ser estigmatizado por discurso político ideológico, mas sim, vivido no dia a dia das instituições brasileiras de ensino sem ressentimentos e sem pré-conceitos, segundo o filósofo Feyerabend (1977):

O conhecimento, concebido segundo essas linhas, não é uma série de teorias coerentes, a convergir para uma doutrina ideal; não é um gradual aproximar-se da verdade. É, antes, um oceano de alternativas mutuamente incompatíveis (e, talvez, até mesmo incomensuráveis), onde cada teoria singular, cada conto de fadas, cada mito que seja parte do todo força as demais partes a manterem articulação maior, fazendo com que todas concorram, através desse processo de competição, para o desenvolvimento de nossa consciência. Nada é jamais definitivo, nenhuma forma de ver pode ser omitida de uma explicação abrangente. Plutarco ou Diógenes Laércio e não Dirac ou von Neumann são os modelos para a apresentação dessa espécie de conhecimento, onde a história de uma ciência se faz porção inseparável da própria ciência — essencial para seu posterior desenvolvimento, assim como para emprestar conteúdo às teorias que encerra em qualquer momento dado. (FEYERABEND, 1977, P.40,41)

Assim o ensino ganhará, pois, quando um professor rompe com à moda e tendência normativa, seus alunos, poderão ser alvos daquela pluralidade e tendências, que estes aprenderam em suas formações e conforme exposto, também fazem partes da Lei que sinaliza e direciona o que deve acontecer na educação. Não adianta um professor ser ortodoxo, sem ser ortoprático, à teoria deve acompanhar sua prática.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com toda certeza, abordar esse tema, não é fácil, pois, entra no campo, que, diretamente, analisará, todo o sistema de ensino e aprendizagem no país. Assim, há um respeito para com todos os professores da educação brasileira, bem como, aos alunos, que, sem eles, não há necessidade de educação, ensino e aprendizagem.

Métodos e Práticas no Ensino, é um tema que há muito tem sido pesquisado e atualmente muitos professores das mais diversas áreas, tem investido tempo na busca por métodos e práticas no ensino, que, possibilite maior, inserção social, no contexto da educação brasileira. Como proferiu o Irlandês e médico, Thomas Fuller, “ O conhecimento dirige a prática, no entanto, a prática aumenta o conhecimento”. Essa busca do conhecimento e prática, devem nortear a vida de um professor ou pesquisador da área de educação. Pois, fazendo assim, com certeza, quem ganhará é o ensino e aprendizagem, que conforme exposto nesse trabalho de pesquisa, o Brasil precisa de algumas soluções no campo educacional urgentemente.

Outrossim, as condições para pesquisa, são um obstáculo a ser vencida/superada, ora por falta de bibliografias para pesquisa, ora por falta de condições financeiras que impedem uma melhor pesquisa. Em razão do tempo que se gasta, a pesquisa, pode ser prejudicada e, ter condições financeiras estável, tanto para adquirir obras, como, ter tempo de pesquisa, são fatores que influenciam diretamente no trabalho. Por isso, esperasse que, em tempo oportuno essa pesquisa, continue aprimorando o tema e explorando outros autores que já trabalharam e escreveram a temática em questão.

Diante desta perspectiva, espera-se que esta pesquisa possa servir de estímulo para outros acadêmicos, pós-graduando e pesquisadores. Assim, sugere-se um maior emprego dos métodos e práticas no ensino. Não limitando as possibilidades no campo do ensino e aprendizagem no Brasil, explorando a pluralidade existente das tendências pedagógicas. Considerando a epistemologia da educação e suas mais variáveis vertentes.

REFERÊNCIAS

Boletim Nº3: perfil dos futuros professores. Artigo disponível em <<http://www.alfaebeto.org.br/boletim-idados-perfil-dos-futuros-professores/>> Acesso dia 17 de maio 2018

CAFÉ PHILO. As Grandes Indagações da Filosofia. (Editado por) Le NouvelObservateur. Tradução, Procópio Abreu. Revisão, Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

CARVALHO, O. de. Teremos de impor o debate a força. Artigo disponível em <<http://www.olavodecarvalho.org/olavo-de-carvalho-teremos-de-impor-o-debate-a-forca/>> Acesso dia 27 de abril 2018.

CARVALHO, O. de. O novo imbecil coletivo. Artigo disponível em <<http://www.olavodecarvalho.org/o-novo-imbecil-coletivo/>> Acesso dia 12 de maio 2018

CASTRO, M. H. Índice de desenvolvimento da educação básica. Entrevista disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=7oQ-LxYPO3E>> Acesso dia 15 de abril 2018

CHAMPLIN, R. N. Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia. 11. ed. São Paulo:Hagnos. 2013

COMPAGNOLO, A. C. Professora Relata Caso de Perseguição ideológica em Universidade Pública. Disponível em > <https://youtu.be/4GW9abYxIOA>> Acesso dia 10 de janeiro 2018

Declaração universal dos direitos humanos. Disponível em <<http://www.onu.org.br/img/2014/09/DUDH.pdf>> Acesso dia 16 de abril 2018.

DESCARTES, R. 1596-1650. Discurso do Método, Tradução de Paulo Neves, Porto Alegre: L&PM, 2008.

HONORATO, R. Desempenho de alunos brasileiros está bem abaixo do ideal. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/educacao/desempenho-de-alunos-brasileiros-esta-bem-abaixo-do-ideal/>> Acesso dia 11 de maio 2018

FEYERABEND, P. F463c. Contra o Método, tradução de Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenberg, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

HERMANN, N. Pluralidade e ética em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HENGEMUHLE, A. Gestão de Ensino e Práticas Pedagógicas. 7. Ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2011.

KASSAR, M. C. M. Ciência e Senso Comum no Cotidiano das Classes Especiais. Campinas, SP: Papyrus 1995

KAWAMURA, H. C.; FERRARIO. M. N.; SOUZA. R. C. de. et al. Educação básica. Artigo disponível em <<https://www.unila.edu.br/noticias/educacao-basica-0>> Acesso dia 15 de abril 2018

LABURU, C. E.; CARVALHO, M. Educação Científica [livro eletrônico]: Controvérsias Construtivistas e Pluralismo Metodológico, Londrina: Edue, 2013.1 Livro digital. (Biblioteca universitária)

Lei de Diretrizes e Bases - Lei 9394/96 | Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

LIBÂNEO, J. C. Organização e Gestão da Escola Teoria e Prática, 6.ed.rev e ampl. São Paulo. Hércules Editora. 2015.

LOWMAN, J. Dominando as Técnicas de Ensino; tradução Harue Ohara Avritscher; consultoria técnica Ilan Avrichir, Marcos Amatucci. 1.ed.4.reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

MARISA, P. Doutrinação Marxista não existe! É tudo invenção da elite yanke opositora. Disponível em > https://youtu.be/H7ddbV_VCTc> Acesso dia 25 de outubro de 2017

MARX, K. Miséria da Filosofia. Tradução Torrieri Guimaraes; prefacio e notas Jean Kessler. São Paulo: Martin Claret, 2008.

NASSER, J. M. Tática Socialista da Defesa as Minorias. Disponível > em <https://youtu.be/W4Js1YSkPxl> > Acesso dia 06 de abril de 2018

NIETZSCHE, F. A visão dionisíaca do mundo. Livro disponível em <<http://lelivros.love/book/download-a-visao-dionisiaca-do-mundo-friedrich-nietzsche-em-epub-mobi-e-pdf/>> Acesso dia 12 de maio 2018

Poética de Aristóteles pagina 44 – “Poética/Aristóteles; tradução, textos adicionais e notas Edson Bini. – São Paulo: Edipro, 2011

PLATÃO. Teeteto O Conhecimento. Livro disponível em > <http://br.egroups.com/group/acropolis/>> Acesso dia 27 de março de 2018

PONDÉ, L. F. Guia Politicamente Incorreto da Filosofia. São Paulo: Leya, 2015.

PONDÉ, L. F. Professores de Esquerda – Luiz Felipe Pondé. Disponível em > <https://youtu.be/z5JrIKy4em0>> Acesso dia 10 de novembro 2017

PONDÉ, L. F. Eu Desafio – Críticas ao Vídeo “ Professores de Esquerda” – Luiz Felipe Pondé. Disponível em > https://youtu.be/gz_Xu11jSml> Acesso dia 24 de novembro de 2017

PONDÉ, L. F. Pondé Fala Sobre Doutrinação da Esquerda na Escola. Disponível em > <https://youtu.be/rayTG3YmNew>> Acesso dia 05 de março 2018

RANGEL. M. Métodos de Ensino para a Aprendizagem e a Dinamização das Aulas. 3. ed. Campinas, SP: Papirus. 2005 p. 09

REGNER, A.C.K.P. FEYERABEND E O PLURALISMO METODOLÓGICO, Epistême: Filosofia e História das Ciências em Revista. Porto Alegre: v.13,n3: p.231-247, dez.1996.

RIBEIRO, M.A.P. Técnicas de Aprender: Conteúdos e Habilidades, Edição Digital, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SANTOS, A. F. dos. Metodologia estratégias de ensino recursos didáticos e intervenções pedagógicas. Vídeo aula disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=gV2xAQnivng>> Acesso dia 25 de abril 2018

SAVIANI, D. Pedagogia Histórico Crítica. Primeiras Aproximações. 11.ed.rev- Campinas, SP: Autores Associados, 2013

SILVA, J. M. e. A hora dos ruminantes as falácias da neopedagogia. Artigo disponível em <<http://www.olavodecarvalho.org/a-hora-dos-ruminantes-as-falacias-da-neopedagogia/>> Acesso dia 15 de maio 2018

SOARES, M. A reinvenção da alfabetização. Disponível em <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/programa_aceleracao_estudos/reivencao_alfabetizacao.pdf> Acesso dia 21 de abril 2018

SOUZA, A. J. S. de. Escola paulistana inova com aula em salões e criatividade. Artigo disponível em <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/222-537011943/17526-escola-paulistana-inova-com-aula-em-saloes-e-criatividade>> Acesso dia 27 de abril 2018

TORRES, R. M. Que (e como) é Necessário Aprender? Necessidades Básicas de Aprendizagem e Conteúdos Curriculares. Tradução Tália Bugel. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

ZABALA, A. A Prática Educativa: Como Ensinar. Tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZAGURY, T. Os Direitos dos Pais: Construindo Cidadãos em Tempos de Crise. 6. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2004